

## **POR (DE) TRÁS DAS MEMÓRIAS: NARRATIVA DE SOCIABILIDADES DE MIGRANTES PARAIBANOS NA “CAPITAL DO FEIJÃO”: 1960-1970.**

Marilva Batista Cavalcante<sup>1</sup>

Este texto pretende discutir vivências de migrantes paraibanos que vieram habitar Irecê, nas décadas de 1960 e 1970, motivados pelo desejo de prosperar em um espaço que oferecesse melhores condições agrícolas, em um contexto de pouca produtividade nos “sertões” nordestinos. São narrativas orais entrelaçadas ao cotidiano desses migrantes que para além de apresentar as motivações que impulsionaram tal deslocamento, pretende discutir as sociabilidades desenvolvidas na reapropriação e/ou significação do espaço para qual migraram. Um processo de adequação à cidade receptora, gerador de identidades e representações dos protagonistas da urbe, os ditos “da terra” e da própria cidade.

A história dessa migração aparece imbricada ao desejo de migrantes vindos do Cariri e Sertão paraibano, região marcada pelas agruras de um sertão seco, de solos desgastados, íngremes e sem apoio ao desenvolvimento agrícola em contraposição às condições favoráveis que se apresentavam em Irecê, nesse mesmo contexto. Condições como solos férteis, rico lençol freático e projetos de beneficiamento agrícola, como o Pró-feijão, que articulados consolidavam Irecê como uma das maiores produtoras de grãos do país e que abastecia, praticamente, todo o sertão nordestino e afirmava a região enquanto “Capital do Feijão”.

Condições expressas em relatos como o do senhor Manoel Vitoriano, vindo de Jericó em 1975, que permite compreender as adversidades da Paraíba em contraposição às condições agrícolas de Irecê:

É como eu lhe falei. Olhe! Você nasce na Paraíba e até uns 12 anos, enquanto você é dominado por seu pai, e um rapaz como eu que trabalhei com meu pai até os 16 anos, e assim todas as famílias lá, são criadas nessa educação que os meninos trabalham, ajudando o pai pra criar a família. Ninguém é satisfeito com o ganhar pouco, com passar por determinadas privações, porque o lugar não oferece nada de vantagem. O paraibano é um aventureiro por natureza, quando ele vê que ali ele não vai desenvolver nada, ele já procura ir embora. Irecê

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Regional e Local (UNEB). Pesquisadora amparada pela FAPESB.

naquela época tinha um nome famoso, a migração dos paraibanos pra aqui é muito por causa do feijão, porque você chegava aqui, e se Deus ajudar que você plantasse uma roça, com três meses você pegava um bom dinheiro e já voltava. Voltava pra casa como diz a história já aliviado, e isso acontecia com uns, mas com outros não acontecia. A Bahia era boa de ganhar dinheiro naquela época, realmente era muito boa, produzia bastante, e então eu resolvi vir pra cá, a Bahia daquela época não era como a Bahia de agora, era muito diferente. Hoje você produz pouco, chove pouco, quando eu cheguei aqui eu comecei a trabalhar na roça [...](VITORIANO: 2010).

Aos olhos desse senhor, Irecê despontava como alternativa de alívio às privações que enfrentava em seu local de origem. A cidade receptora emerge no depoimento enquanto espaço que permitia prosperidade agrícola. Uma alternativa para o migrante de “pegar um bom dinheiro” e retornar à sua cidade numa condição digna.

Emerge da narrativa desse depoente a consideração sobre a identidade do migrante, enquanto sujeito aventureiro, que não se contenta com a condição de vida à qual estava submetido. Uma condição de miséria, privações e necessidades que impulsionara muitos migrantes a “tomarem seus destinos nas mãos” e dirigirem-se para outro espaço que lhes permitissem prosperar na agricultura.

Assim, por entre motivações e elementos constitutivos a identidade regional e local transcorrem considerações sobre os espaços, apresentando-os em suas singularidades e alternativas e justificando “o espaço enquanto lugar praticado, em que os sujeitos atribuem a partir de suas experiências, novas práticas e novos significados aos lugares” (CERTEAU: 1994). Espaços que se por um lado rememoram um tempo e lugar de muita necessidade, de secas contínuas, de escassez na produção e de trabalhos pesados, em momento algum são homogêneos e dão conta de explicar os sentimentos de muitos migrantes que em Irecê habitam.

Ao longo da pesquisa, embora se destaque narrativas da Paraíba como espaço e condição que poderiam “fazer correr lágrimas dos olhos” a muitos que se permitissem “viajar” por entre as memórias desse migrantes, insurge acompanhado do sentimento de desolação, um anseio de saudades. Saudades do tempo de mocidade e dos momentos de diversão, após o trabalho semanal árduo na agricultura ou comércio na Paraíba:

Agente sente saudade daquele tempo de adolescente, de quando agente trabalhava seis dias, de segunda a sábado. Aí, ia pra umas cachoeiras, pra brincar, às vezes agente sente assim, a saudade. Às vezes eu to deitado e tô lembrano até das pedrinhas em que agente sentava pra conversar com os amigos. Saudade agente sente, né,

porque é filho de lá? Saudade agente sente, mas não pra morar (VITORIANO: 2010).

O “tempo da roça” e da mocidade é rememorado com tamanha vivacidade que esse senhor diz conseguir, ao fechar os olhos, visualizar e sentir as pedrinhas onde se sentava, juntamente com os camaradas, nos locais de lazer que frequentavam. Há em sua fala, uma entonação de saudade do local, dos amigos e das conversas, embora os sentimentos expressos nessa memória permitam um diálogo ambíguo. É a nostalgia de laços sociais, momentos de lazer, alegria e peculiaridades naturais do espaço da Paraíba, entrecruzada às lembranças de dissabores, que não despertam o desejo de retorno. Recordações de um espaço que o migrante ainda concebe formador de sua identidade, mas sem relevância econômica para justificar um regresso.

A chegada de tais migrantes a Irecê abarca o primeiro passo da reorganização do sujeito em um “novo espaço” e permite tecer uma série de percepções sobre a história do indivíduo. Para Ana Fani, “a História do indivíduo é aquela que produziu o espaço e que a ele se imbrica, por isso, que ela pode ser apropriada. Mas é também uma história contraditória de poder e de lutas, de resistências compostas por pequenas formas de apropriação”.( CARLOS : 1996).

São histórias da “arte do fazer cotidiano” (CERTEAU: 1994) expressas nas memórias, sinais, utensílios, vestimentas, criação e educação das crianças, festejos e saudades que fazem de Irecê um espaço em que o migrante se adapta e recria novas maneiras de apropriação e vivências.

Os protagonistas desse deslocamento desde a chegada se deparavam com constante homogeneização. Era comum desconsiderar as distinções naturais do local de onde provinham estes migrantes e ignorar que, embora pertencentes a um espaço comum – o sertão paraibano – as especificidades locais apontavam uma multiplicidade de vivências que atribui a cada sujeito um enredo singular. Era o “povo do Norte”(LACERDA:2009). Todos considerados nortistas, sendo essa homogeneização algo reafirmado perante outros migrantes da cidade, provenientes de estados como Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte.

A chegada para muitos migrantes era um mosaico de sentimentos emaranhados ao desejo de prosperar, desvendar a cidade, interpretar seus símbolos de atração

incorporados ao sentimento de saudade, anseio por retornar ou necessidade de interagir com a realidade espelhada diante dos olhos de quem chega.

Decorrente desse processo migratório, transformações operadas na região receptora e adaptação dos sujeitos à cidade desnudam-se no cotidiano de interação entre os recém-chegados e os ditos “da cidade”, laços de sociabilidades se constituíam enredados aos desejos do migrante em “ser e viver” em um novo espaço que lhes proporcionasse possibilidades de ascensão. Laços revisitados no cotidiano.

Pensar o cotidiano é estar atento que “a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social” (HELLES: 1985). Assim, o cotidiano dos migrantes que vieram habitar Irecê se desnuda na organização do trabalho, na vida privada, nos lazeres, descanso, relações sociais que desvendam contextos, sabores e percepções humanas e dos espaços.

Nessa perspectiva, atitudes individuais e coletivas dos sujeitos que habitam a cidade inscreveram a dinâmica cultural e a significação dos espaços para os sujeitos que nele chegam. Processo dialético de constante autoconstrução e reterritorialização que configura estratégias de pertencimento dos sujeitos aos grupos e espaços como explica Sandra Mara D’ Avilla Sandri:

A territorialização de quem parte de um espaço já significado para outro também requer de quem chega, adaptação, aceitação, agregação, recriação ou enfrentamento, dependendo da intensidade do conflito estabelecido entre quem chega e os que já haviam se apropriado, significando e identificando espaços.(SANDRI: 2009).

As estratégias de adaptação da migração em questão não são inscritas somente por aqueles que chegam. São relações compartilhadas cotidianamente entre o baiano e o migrante paraibano quer seja, nas relações de trabalho, quer nas práticas do viver e lazer possível na cidade.

As memórias pertinentes a esses laços de solidariedade, aceitação ou conflito significam a organização humana, social, econômica e política dos sujeitos na cidade, suas dimensões culturais e circunstâncias cotidianas. As circunstâncias são aqui compreendidas como “unidade de forças produtivas, estrutura social e formas de pensamento, ou seja, um complexo que contém inúmeras posições teleológicas, a resultante de tais posições teleológicas”. (HELLES: 1985)

São relações heterogêneas na medida em que advêm das experiências particulares ligadas, muitas vezes, por meio do acaso ou do convívio entre os sujeitos da cidade. Relações cotidianas que descrevem a urbe:

Nessa parte, eu toda vida fui feliz com a Bahia porque fosse no serviço pesado ou no maneiro, eu sempre tive serviço e por isso, que os paraibanos que veio ficou. Naquela época, o baiano era hospitaleiro, ele via você um cara trabalhador, ele não fazia questão de dar um pedaço de terra pra você pagar com a produção do terreno, quando você plantasse e produzisse. Se tinha algumas facilidades e hoje não existe mais isso.(OLIVEIRA: 2010).

A relação social que o depoimento descreve diz mais que, simplesmente, a relação e condição de trabalho exprimem identificação e valores do migrante com a cidade e com os baianos naquele contexto. Expressa a identidade do grupo que compõe – migrante paraibano - enquanto “trabalhador” bem como, a representação atribuída ao baiano de “hospitaleiro”.

Identidade aqui é considerada como a descrição que o sujeito faz de si, caráter no qual este se reconhece, se aceita e que, por sua vez, está constantemente se modificando a partir das relações e circunstâncias sociais. Diferentemente, representação diz respeito à forma como os sujeitos são vistos por outros em um determinado espaço e contexto social. Modos que, muitas vezes, estão carregados de conceitos formulados intencionalmente e por vezes, enviesados.

Para Pierre Bourdieu estas representações podem tomar a forma de estratégias discursivas que, atribuindo aos sujeitos classificações, traduzem relações de poder em que o autor das verdades postas é, em muitos casos, sempre esse outro que:

Ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, a vista de todos em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-as, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir como dignas de existir, como conformes à natureza das coisas “naturais”.(BOURDIEU:2010).

Isso implica em três alternativas por parte dos migrantes: um posicionamento crítico em favor da manutenção de suas raízes culturais; uma abdicação de sua identidade em favor da representação construída a cerca do mesmo e que introjetada por este, pode redimensionar uma nova identidade. A terceira e mais comum, concerne em

redefinição de suas identidades híbridas formuladas na interação e significação do espaço e de indivíduos com quem passam a conviver.

As identidades descritas e reafirmadas pela fonte oral correlatas com valores como honradez, justiça e solidariedade explícitas no trecho, receita pensar a conexão recíproca das relações hierárquicas. É preciso levar em consideração o potencial da fonte oral enquanto pistas e compreender que “no caso da história oral (como em muitos outros), as pistas são relatos do passado, surgidos *a posteriori*. [...] o passado existiu independente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras [...]”.(ALBERTI:2004).

Combina-se, nesse sentido, perguntar: Poderia tais identidades reveladas estarem sob efeito dos sistemas sociais hierárquicos conscientes ou inconscientes, já que, os mesmos dizem respeito às “combinações salariais” com antigo patrão? Ou a forma como foram acolhidos, prática usual do trabalho e tratamento atribuído pelo patrão, pontua laços de solidariedade que se cristalizaram para além do trabalho?

O cotidiano desse senhor sugere a segunda alternativa, haja vista, hoje este possuir seu pedaço de terra, seus filhos criados, sua vida simples na condição de arrendador de terras, seu empreendimento - um pequeno bar - e muito apreço pelo patrão e toda a sua família.

Ao falar dessa relação social, D. Maria Lopes, paraibana e esposa de seu Duca que ouvia atentamente a história narrada, diz que uma das coisas que sente saudade do “tempo da roça” é da convivência com os filhos pequenos do patrão. Uma relação de amizade, que na fala da depoente, criou raízes para além do espaço da roça já que, vez ou outra, os filhos do antigo empregador, aparecem no bar para “jogar conversa fora”.

Assim, as relações dos sujeitos pouco a pouco constroem os espaços sociais. Atribuem novos significados da cidade para os migrantes lhes permitindo “apegos” a Irecê de modo que, embora ao narrar seus tempos na Paraíba ou seus retornos à mesma, sempre expressem o desejo em permanecer onde conseguiram prosperar ou onde hoje representa seus “laços sociais” como afirma D. Deusalina: “a família já está quase toda aqui. A gente hoje vive aqui no meio das pessoas, a consideração continua sendo a mesma, a família é aquela que permanece junta”.(FIGUEIREDO: 2010).

Era necessário compreender a condição de receptividade, camaradagem e adequação às circunstâncias desenroladas no cotidiano como o seu Zé da Pipoca deixa

transparecer: “olhe, eu posso chegar dentro de uma tribo de índio que eu morro bem. Sabe por quê? Eu e minha mulher não mexemos com a vida de seu ninguém. Nós viemos pra fazer o bem, então eu fazia muita amizade com todo mundo misturado”.(GUIMARÃES:2010).

Tal “compreensão” representava, supostamente, o interesse em interagir com a cidade, conhecer seus habitantes, expandir “os laços misturados” e fortalecê-los, embora isso, exigisse também por parte dos ireceenses esforços no sentido da valorização desse migrante e restrições a preconceitos.

A narrativa do senhor Manoel, em determinada altura da entrevista, ao ser questionado sobre as relações sociais, elucida percepções de tempos distintos. São reminiscências dos laços sociais que reconstroem um passado matizado no presente onde a “relembração se serve de inúmeros pontos de referência, de campos de significados, porque o fundamento da recordação é dado por um “sentimento de realidade” que se origina em contingências existenciais”.(MALUF: 1995).

São reconstruções orientadas pelo presente e pelo lugar social que os sujeitos ocupam quando narram suas histórias de vida, pois, ainda que explanem sentimentos, afeições, amores e desamores inteirados no passado, o tom, a cor e o cheiro do que contam latejam sentimentos, desejos e querereres do agora.

Esses sentimentos e querereres podem tomar a proporção de valorização de suas histórias ou quem sabe da busca por explicação dos porquês de circunstâncias de acolhimento ou desprezo. São anseios ressignificados pelo tempo, transformados pelo que nos tornamos e pelo que desejamos vir a ser, já que a interação com o outro, ao longo do tempo, se por um lado nos transforma cotidianamente, também nos define.

Assim, quando fala da relação de acolhimento sentida quando se sua inserção social é o tempo da acomodação à cidade que é lembrado pelo Sr. Manoel. Um tempo marcado por valores como amizade, honestidade, compromisso. Um “tempo de agora” em que novos paradigmas e valores desencadeiam relações de desconfiança e intimidação.

Com intuito de melhor saciar minha curiosidade a respeito de tais relações, questionei seu Manoel: Como era a relação de acolhimento na cidade? A resposta que obtive, era uma narrativa permeada de alegrias e tristezas produzidas no tempo:

Foi bem graças a Deus. [...] agente vivia na maior facilidade, não tinha essa violência toda de hoje. Era uma beleza, agente criava, vivia na maior tranquilidade. Hoje não! Agente vive numa vida muito “aperriada” com essa violência braba. Agente não tem nem gosto de ter as coisas. Naquele tempo, não!(FIGUEIREDO: 2009).

As relações sociais, valores e vivências em Irecê expressas anteriormente, sobretudo na área agrícola, apresentam relações sociais distintas. Destacam um contexto em que a violência não era algo acentuadamente preocupante, destoando do “tempo de agora”, em que a crise agrícola, a vida corrida e os valores morais tão propagados na sociedade como respeito e confiança já se vêm abalados.

Falar de valores desfeitos ou ressignificados remete-nos a examinar as sociedades e suas práticas a partir de uma ótica globalizante, em que:

A progressiva monetização das relações na vida social transforma as qualidades do tempo e do espaço. A definição de um “tempo e um lugar para tudo” muda necessariamente, formando novas estruturas de promoção de novos tipos de relações sociais.(HARVEN: 1992).

Assim, o depoimento citado caracteriza ainda, a percepção do migrante sobre a cidade em momentos antagônicos: o passado simbolizado pela confiança nos “bons costumes” e o presente engendrado em emblemas de insegurança.

Thompson nos ajuda pensar os costumes apontando que “nos séculos precedentes, o termo “costume” foi empregado para denotar boa parte do que hoje está implicada na palavra “cultura” (THOMPSON: 1998) e que está impregnado em nosso comportamento. Tais costumes enquanto construções culturais são ensinados, apreendidos e reapropriados de múltiplas formas, circunstâncias e etapas da vida humana e simbolicamente apontam relações sociais.

Na perspectiva da D. Luzia Alvino Figueiredo, o tempo dos “bons costumes” da cidade de outrora é lembrado com saudade: “eu só tenho saudade do tempo de atrás, que era bom demais, ninguém ficava desconfiado de ninguém, hoje em dia ninguém pode confiar mais em ninguém, tudo é mais difícil”(FIGUEIREDO:2009). Reflexos ainda hoje dos padrões de uma cidade em formação e crescimento e de novos paradigmas culturais.

Nem todas as relações estavam pautadas na confiança ou tratamento amistoso. Há relatos que fazem menção a um estranhamento que com a convivência era paulatinamente diluído como salientou seu Francisco Bezerra:

Aí agente chegou aqui e não fomos bem recebidos pelo povo “dito da terra”. Eles viam agente como forasteiro e diziam: Que diacho esse povo veio fazer aqui na Bahia? Saindo das terras deles? Outros diziam: esse aí matou foi gente lá e veio fugido, era tudo discriminado. Depois que eles foram vindo, a família foi crescendo, e aí foram vindo a situação da gente. Aí pegaram a acolher agente e depois disso passou, que eu não vou dizer que a gente foi discriminado toda vida. Aí eles acolheram agente, deram voto de confiança. Aí fomos se dando bem e até hoje.(BEZERRA: 2010).

O tempo em que perdurou a “prática do estranhamento” descrito acima acarretava a emergência de preconceito, que na descrição desse migrante era sentido como sinônimos de práticas humilhantes: “agente sentia assim como se fosse humilhado, que eu cansei de dizer aos meus parentes que não ia dar muito certo”(BEZERRA: 2010). Segundo seu Francisco, estas práticas eram materializadas diante de simples atos corriqueiros como cumprimentos sem respostas, reuniões, conversas e risos findados com a chegada do migrante em determinado local.

Diferenças que alimentavam preconceitos inclusive entre as crianças:

Na escola falava um alfabeto diferente do que eu falava, aí eu era criticada porque eu falava “erre”, “efe”, “jê” e como aqui era diferente “rê”, “fê” e “gê” eu me atrapalhava toda, porque na hora quando eu falava o alfabeto a minha maneira era uma “atração” dentro da escola. (SILVA:2010).

Na altura da entrevista, as diferenças culturais emergem na fala, sotaques e práticas culturais que reafirmam singularidades próprias dos espaços da Paraíba e Irecê. Especificidades interpretadas aos olhos de preconceitos como se a bagagem lingüística representasse um elemento excludente. Preconceitos lingüísticos que, segundo (BAGNO: 1999), endossam as diferenças socioculturais.

O preconceito sentido e pensado como “caracterização, que vem antes de qualquer esforço verdadeiro no sentido, de se entender o outro, o diferente, o estrangeiro, o estranho, em sua diferença e alteridade” (ALBUQUERQUE, JÚNIOR:

2007) supostamente foi perdendo espaço na medida em que as relações de confiança foram se estendendo.

Confiança que também alterou a imagem discriminatória e homogeneizante que a migrante Marúzia descreve ao falar do desalento da mãe na vinda para a Bahia: “quando minha mãe veio pra cá ela passou uma semana chorando que não queria vir, que aqui era terra de “macumbeiro”, porque a visão que se tinha da Bahia era que todos eram “macumbeiros”” (SILVA, 2010).

Supostamente a percepção do migrante sobre a Bahia também expressava uma possível condição de afastamento por interesse do próprio migrante. Interesse demarcado por conceitos também enviesados sobre a cultura religiosa de matriz africana tão expressiva na Bahia, ainda hoje com pouca expressividade local.

Na altura da entrevista essa depoente aponta que também esse “olhar invertido” sobre o povo, cultura baiana e local, foi se deslocando para o campo da interação, compreensão e desmitificação:

Onde dissesse é da Bahia, era pra gente terra de macumbeiro. Já eles, nos viam como assassinos e daí que com o tempo acabou o medo da macumba e eles viram que não era nada disso. Eles começaram a conviver com os paraibanos que não eram assassinos também. Essa convivência hoje é normal. Ainda tem aqueles resquícios. (SILVA:2010).

As memórias descritas reafirmam a elaboração de relações sociais e da percepção dos espaços. Espaços que tomam conotações diferenciadas: no passado - local de afastamento, o não lugar dos migrantes; no presente – espaço significado nas relações destes migrantes entre si e os outros.

Relações que por sua vez, não estão livres por completo das representações que o “da terra” construiu e constrói dos sujeitos da migração em destaque, ou o contrário. Relações que traduzem ainda hoje “jogos de poder”, pois sedimentam representações que não estão livres de intencionalidade, estratégias e práticas impondo uma autoridade, deferência e, mesmo de legitimar escolhas.(CARVALHO: 2005).

Tratar o processo de adaptação do migrante à cidade é complexo por apresentar um diálogo com os valores culturais e práticas distintas espacial e temporal, que estão sempre se aproximando e distanciando na fala dos depoentes. Ao passo que descrevem suas vivências cotidianas em Irecê, tecem comparação com seus locais de origem, pois:

Seus valores culturais oscilam entre o passado que deixou para trás, que está sendo reconstruído no prédio da memória, e o presente que o invade pelos olhos, ouvidos, boca, peles e nervos. Ele simula um novo território que é o cimento com que busca rejuntar os tijolos das experiências cotidianas do passado e do presente. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

Com intuito de compreender esses complexos processos de apropriação, por vezes me perguntei: que tijolos seriam estes? Que significados tais tijolos organizados nessa parede da memória adquirem para os migrantes em forma de semelhança ou distinção? Como estes “tijolos da experiência” fundem-se sutilmente ao fazer da cidade incorporando ou sendo incorporados pelos sujeitos locais? São nos depoimentos da vida cotidiana que aparecem os tijolos da memória. Tijolos apresentados em forma de laços de sociabilidades construídas nas complexas relações de significação dos espaços e dos sujeitos.

Memórias que articuladas à História Oral, permitem conhecer os cheiros, sabores e dissabores do processo de adaptação do migrante a Irecê, consentindo que as histórias de vida desses sujeitos sejam percebidas e significadas da interação social. Memórias que segundo Montenegro:

É resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constituem a rede de significações sociais [...] e possibilita resgatar as marcas de como foram vividos e sentidos determinados momentos, determinados acontecimentos; ou mesmo o que e como foi transmitido e registrado pela memória individual e/ou coletiva. (MONTENEGRO, 1992)

Nessa perspectiva, as histórias dessa migração pensadas sob a ótica de perceber a chegada, dificuldades, adaptação, fazeres e sentimentos dos sujeitos que migram, para além de contemplar os processos migratórios, apresentam uma multiplicidade de saberes. São histórias que embora descrevam experiências particulares, expressam as memórias de indivíduos que hoje são reconhecidos e se reconhecem na história da cidade. Relatos de trabalhadores que cotidianamente inauguram/reinauguram vivências particulares no local pelo qual foram absorvidos e que também foram por eles absorvidos.

Assim, por entre fragmentos de companheirismo e distanciamento construídos ao longo da adequação dos migrantes paraibanos em Irecê, uma colcha bordada de muitas histórias é tecida. Histórias costuradas a sentimentos variados frutos dos “laços

misturados” que constituem a cultura do migrante e também da cidade. Enredos que para além das teias sociais expressam especificidades locais e desnudam percepções sobre a forma de pensar os espaços e os sujeitos.

## Referências

- ALBERTI, Verena. Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral In *Ouvir contar – textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE, JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras das discórdias*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz, 13 ed, Rido de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Discutindo Lugar In: *O lugar no /do mundo*. São Paulo Hucitec.1996.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. *O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier*. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 16 ed. Loyola, São Paulo, 1992.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*,. 2º Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1985.
- MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto: 1992
- SANDRI, Sandra Mara D’ Avilla. *A reterritorialização e recriação as identidade: sulistas em Mineiros, Goiás*. In: *IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES, 4., 2009*, Goiânia. Anais eletrônicos... Goiânia: UFG, 2009. 1 CD-ROM.
- THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

## **Depoimentos**

BEZERRA, Francisco de, 69 anos, Migrante vindo da cidade de Carrapateira em 1969 e hoje tem sua história de vida entrelaçada ao comércio. Entrevista em 13/03/2010, Irecê-Ba, 2009, 60 min.

FIGUEIREDO, Deusalina Souza, 60 anos, migrante vindo da cidade de Malhadinha em 1969 e hoje tem sua história de vida entrelaçada a atividades ao mundo urbano. Entrevista em 14/02/2010, Irecê-Ba, 2009, 40 min.

GUIMARÃES, José Leite, 88 anos, migrante vinda da cidade de Livramento em 1970 e hoje tem sua vida entrelaçada ao mundo do comércio. Entrevista em 21/04/2010, Irecê-Ba, 2009, 120 min.

SILVA, Marúzia, Maria de Sousa Leite, 47 anos, migrante vindo da cidade de São José de Pirranhas em 1970 e hoje tem sua vida entrelaçada ao mundo urbano. Entrevista em 26/01 /2010, Irecê-Ba, 2009, 60 min.

VITORIANO, Manoel Vitoriano de, 67 ANOS, migrante vindo da cidade de Jericó em 1975 e hoje tem sua vida entrelaçada ao mundo agrícola. Entrevista em 13/03/2010 12º min e 29 /07/2010, Irecê-Ba, 2009, 160 min.